

Passeio

Mais célebre destino de peregrinação mariana antes de Fátima, pitoresca vila de pescadores glorificada pelo Estado Novo, nova Meca das ondas grandes e *rendez vous* das estrelas do surf mundial. A Nazaré oferece hoje uma conjugação única, colorida e sugestiva desses clichés que ajudam a definir um país inteiro. *Luis Maio (texto e fotos)*

Nazaré

Cruzes, tamancas e fatos de neoprene



● A Nazaré anda nas bocas do mundo desde que “descobriram” as ondas gigantes da Praia do Norte. Foram as vagas que elevaram a vila do distrito de Leiria à alta roda do surf mundial, ao mesmo tempo que proporcionaram ao país uma nova atracção turística - e uma razão extra para (se auto) celebrar. Mas antes disso, muito antes disso, já a localidade costeira a meio caminho entre Lisboa e o Porto era um dos sítios mais queridos de Portugal. A Nazaré está, na verdade, associada a um dos mitos dos primórdios da nacionalidade, aquele mesmo que sela a ligação de D. Fuaas Roupinho ao culto Mariano, ou seja, o País e a Fé. Reza a lenda que foi N.ª Sra da Nazaré

quem salvou a vida ao herói da Reconquista, advertindo-o para a iminência de uma queda certamente mortal, num dia de nevoeiro em que caçava um cervo nas alturas do Sítio.

A Nazaré é, para além disso, sinónimo de pesca artesanal de alto risco. Romances como *Os Pescadores* de Raul Brandão (1923), filmes como *Maria do Mar* de Leitão de Barros (1930) e álbuns de fotografias como o de Artur Pastor (57), fixaram estereótipos entretanto explorados tanto pelo Estado Novo como pela oposição. A ideologia saiu dos retratos algures depois de Abril, mas ficaram os clichés dos pescadores de coragem suicida, da angústia das mulheres

descalças na praia, dos festejos de regresso a terra, ou da azáfama de descarregar peixe. Famosas são também as sete saias das mulheres elevadas a ícone folclórico, sobretudo a partir do momento em que o turismo passou a principal fonte de rendimento local.

Hoje a Nazaré é essa coincidência de um secular santuário mariano e seus peregrinos, de gentes do mar e de tradições piscatórias, mas também de ondas gigantes e de surfistas cosmopolitas. Uma concomitância pacífica e frequentemente sorridente, mas também algo equívoca de símbolos fortes, que umas vezes se misturam e outras nem por isso.

3.1. Promontório do Sítio

Fala-se menos ou nada disso, mas, se calhar, é a memória que mais fica da Nazaré: a das vistas panorâmicas que proporcionam os miradouros recortados ao longo do promontório do Sítio. Alcandorados a 110 metros sobre o mar imenso e indómito, caindo quase a pique na vertical, marcam um contraste abismal com o casario singelo e as figuras minúsculas de pessoas e embarcações lá em baixo. Imagina-se logo D. Fuaas Roupinho e o seu cavalo em alvoroço, só apoiado nas patas traseiras à beira do precipício, contracenando com a aparição providencial da Virgem nos céus e o

veado saltando sobre o abismo. Também se percebe a localização estratégica dos santuários, um primeiro na gruta onde, reza a lenda, se radicou Frei Romano, monge do convento de Cauliniana, perto de Mérida, que em 711 fugiu dos invasores muçulmanos na companhia de D. Rodrigo, o último rei visigodo, trazendo consigo uma imagem da Virgem negra que, diz outra lenda, foi esculpida em madeira pelo próprio José da Nazaré.

Em agradecimento, D. Fuaas terá construído um segundo santuário sobre o primeiro, a exígua Capela da Memória (1182), coberta de azulejos tanto por fora como por dentro, sendo que os de dentro formam um enig-

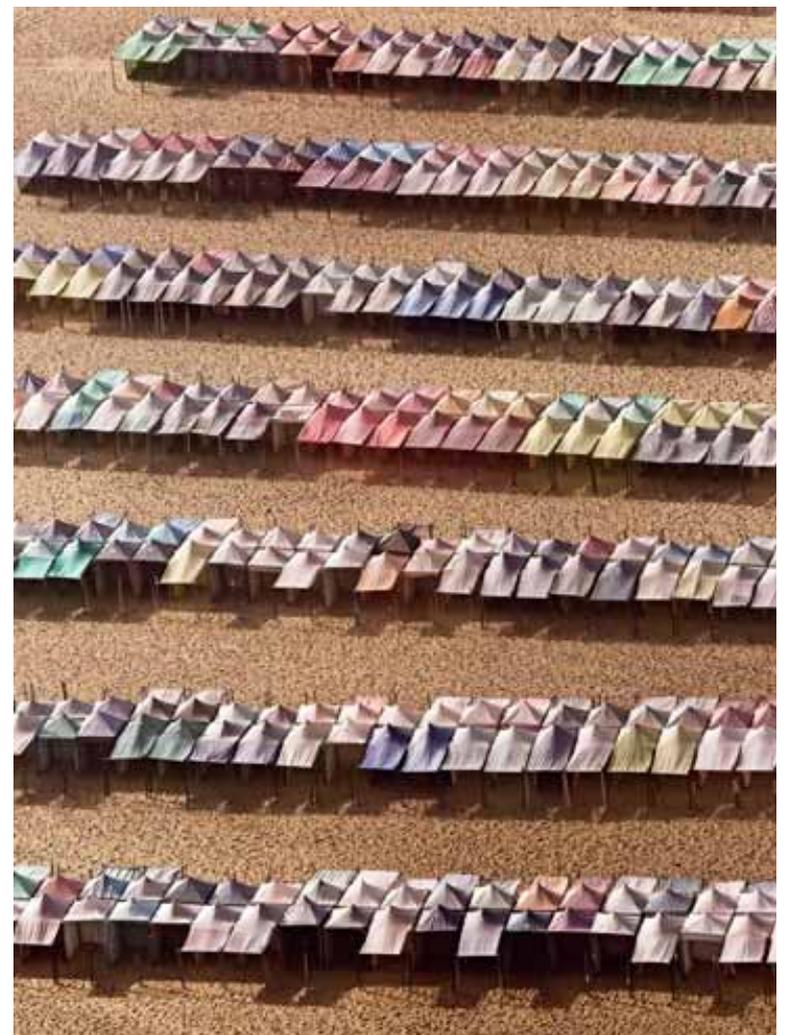


Informações

www.cm-nazare.pt

findoutnazare@gmail.com

Há dois postos de turismo na Nazaré, um numa das lojas exteriores do Mercado, na Avenida Vieira Guimarães, outro junto ao Santuário no Sítio. Excelente atendimento em ambos.



mático puzzle de rostos. O terceiro e principal santuário do Sítio é a igreja, mandada construir por D. Fernando (1377) para guardar a imagem negra da Virgem e, naturalmente, acolher um crescente número de peregrinos. Na verdade, a Igreja de N.ª Sra da Nazaré tornou-se no mais importante santuário mariano nacional até ao advento de Fátima. Estima-se que, na segunda metade do século XIX, acolhia entre 20 a 30 mil peregrinos vindos de todos os cantos do país, por alturas de 16 de Setembro, o dia em que se celebra a aparição milagrosa. Haverá quem ainda lamente a perda de protagonismo do mito da Nazaré, dada a sua especial ligação às origens

da nacionalidade, mas também porque como narrativa é bem mais empolgante que Fátima. Num caso exemplar do ‘se não podes vencê-los junta-te a eles’, a Nazaré aproveita pelo menos para funcionar na cauda, ou em complemento a Fátima em termos de excursões religiosas. Há agora também uma “rota da fé”, ou seja, um trilho pedonal assinalado, que liga o Santuário do Sítio à Capela das Aparições em 48 km com escala na igreja paroquial de Pedreiras (www.pathsofffaith.com/pt-pt).

Reconstruído em 1691, em estilo Maneirista/Barroco, o santuário mantém a orgânica de igreja de devoção/pregrinação (escadaria monumental,

galeria alpendrada à entrada para abrigar os peregrinos, do tempo de D.Manuel I). Mas se é majestosa por fora, lá dentro é daqueles lugares onde se sente sempre mais do que se vê. Vale sobretudo a pena pagar o euro que dá entrada nos “bastidores” para ver as vitrinas cobertas de exvotos, os preciosos azulejos da sacristia e a delapidada imagem da Virgem que coroa o altar. Do santuário, a maior parte dos visitantes arranca logo para as muitas bancas de *souvenirs* nas redondezas, mas compensa refrear o apetite consumista e continuar a explorar o domínio gerido pela Confraria de N.ª Sra da Nazaré. Inclui pelo menos mais duas jóias patrimo-

niais, uma de cada lado do santuário: à direita o teatro Chaby Pinheiro em Arte Nova refinada e bem preservada, e à esquerda o Palácio Real, mandado construir em 1718, que conserva uma majestosa varanda balaustrada

Banhos e chambers

Na retaguarda do casario da vila, a menos de um quilómetro do litoral, eleva-se um colar de afloramentos rochosos, onde se destacam o morro da Pederneira e o Monte Branco. Oferecem outras panorâmicas deleitáveis sobre a planura litoral, ao mesmo tempo que sugerem diferentes perspectivas de “leitura” da paisagem,

que reconduzem às suas origens algo surpreendentes. Porque se a vila e mesmo a praia parece que estão onde sempre estiveram, a verdade é que não é bem assim. O morro da Pederneira lá nas alturas foi o primeiro núcleo portuário da região, de que há notícia desde Trezentos. Já a praia resultou do posterior assoreamento, sendo que a pesca a sério na praia da Nazaré só arrancou em finais do século XVIII, quando os pescadores de Ílhavo vieram pescar peixe miúdo.

Foi, no entanto, necessário esperar por 1874 para ver as primeiras casas de pescadores serem construídas, no que é hoje a vila da Nazaré. Em contrapartida, o turismo balnear →

Passeio

Na foto em baixo, as “chambristas” com as sete saias; na foto ao lado, o estendal de peixe seco



não demorou muito mais e em 1912 já havia dois hotéis abertos na terra, embora o turismo de massas só se tenha realmente instalado nos anos 60 do século passado. Dessa altura data a invasão das barraquinhas brancas às riscas azuis, alinhadas no areal, no trimestre mais quente do ano. Entretanto, os pescadores e as suas embarcações foram empurrados mais para sul, tendência que se tornou definitiva quando o novo porto abriu à navegação em 1986.

Hoje ainda, a atracção principal da vila Nazaré é a praia, certamente uma das melhores do país na especialidade acessível/familiar. Depois há o núcleo antigo de ruelas estreitas e arquitectura popular, e as memórias mais ou menos vivas, mais ou menos folclóricas da época heróica da pesca artesanal. Junto à praia abriu em 2016 um “museu vivo” que inclui estendais de secagem de peixe, zona de preparação do pescado e centro interpretativo. É museu, sem dúvida, porque explica o ritual e a tradição de secar peixe, mas também é vivo porque o peixe nos estendais acabou de ser pescado e quem explica o que mais quer é vendê-lo. Igualmente instrutivo e apetitoso é o mercado da vila, que é enorme e tem uma série de bancas a vender peixe fresco, seco e essa coisa entre os dois que ali chamam de

“enjoado”. Mas claro que a presença mais pitoresca da Nazaré é a das lendárias “chambristas”, eternamente vestidas de sete saias e placas na mãos, anunciando quartos para alugar em várias línguas. Antes a freguesia era mais francófona, ou mais de “chambres”, hoje nem por isso, mas a alcunha mantém-se e os preços mais baixos antes na ordem dos 35€ por pernoita. Continua a haver imensas dessas “chambristas”, grande parte já na idade da reforma, a maioria sentadas aos pares em cadeiras de plástico à beira da marginal. Mas diz quem sabe que hoje 90% ou mais do negócio do alojamento local se faz em linha e que as “chambristas” já só “pescam” turistas acidentais.

Outro ícone da Nazaré é o Ascensor, que faz a ligação entre a vila e o promontório desde 1889. Projectado pelo mesmo Ponsard que instalou os de Lisboa, este funcionou a vapor até 1963, altura em que rebentou um cabo (2 mortos) e encerrou cinco anos, sendo desde então electrificado. Serve tanto como meio de transporte, como de miradouro em movimento, valendo por inteiro o euro e meio que custa cada trajecto. É uma viagem agradável mas curta e ao regresso compensa mais descer a pé a ladeira para usufruir das vistas que se vai ganhando no ziguezague do



passeio, e pelo “brinde” que constitui o mural de mais de 100 metros da autoria de Filipe Ferreira, invocativo das lides dos pescadores da Nazaré, que se encontra numa curva à entrada do casario.

Montanhas de água

O novo postal da Nazaré são as ondas gigantes da Praia do Norte, tal como fotografadas do penhasco do Sítio, em particular do alto da esplanada do forte de S. Miguel Arcanjo. As ondas são produzidas por um “canhão” submarino que corta toda a margem

continental ao largo da Nazaré e se prolonga por cerca de 200 quilómetros, variando entre os 150 metros (junto à costa) e os mais de 5 mil de profundidade. A dinâmica do canhão - que é o maior da Europa e um dos maiores do mundo - potencia a ocorrência de águas ricas em nutrientes nas camadas superficiais, justificando a abundância e diversidade de peixe. Mas também modifica as condições de propagação da ondulação gerando ondas extremas à chegada da Praia do Norte.

Conhecido dos geólogos pelo menos desde os finais dos anos 30 do

século XX, o Canhão da Nazaré e a Praia do Norte chegaram à ribalta internacional em Outubro de 2011, quando o surfista norte-americano Garrett McNamara aqui veio para surfar uma onda de 23,77 metros e entrou para o Guinness de World Records. Como seria de esperar, a proeza do surfista norte-americano foi o gatilho para a promoção da Nazaré ao top das “Monster Waves”. É uma onda que ainda está a crescer, mas em 2017 atingiu um novo patamar com três recordes mundiais a serem batidos: a brasileira Maya Gabeira veio escalar uma “montanha de água” de 20,72 metros, o que lhe valeu o Guinness para maior onda surfada por uma mulher, o seu conterrâneo Rodrigo Koxa superou o feito de McNamara surfando uma onda de 23,38 metros, enquanto o português Nuno ‘Stru’ Figueiredo bateu o recorde mundial de kitesurf, navegando uma onda de 19 metros de altura.

A Praia do Norte acolhe uma prova do circuito mundial de surf de ondas gigantes desde 2016. Acontece na primeira quinzena de Novembro que, portanto, é a nova época alta na Nazaré. O lugar mais procurado para seguir a competição é certamente o terraço do forte de S. Miguel Arcanjo, que remonta a D. Sebastião, embora o nome e a planta irregular, adaptada à cabeça do promontório, sejam do reinado de D. Pedro IV (1644). Este rei também mandou esculpir a emblemática imagem do arcanjo, mutilada pelos Liberais depois da Guerra Civil, porque a Nazaré tomou o partido Miguelista. Perdido o uso militar, o forte ganhou um farol, requerido pelos pescadores e construído em 1903. Hoje alberga no seu interior o Centro interpretativo do Canhão da Nazaré, uma Surfer Wall e exposições temporárias, enquanto à entrada do caminho que lá vai dar foi plantado um “Cervo” (2016), figura antropomórfica de mais de 6,3 metros de altura em mármore e aço. Desenhado por Agostinho Pires e esculpido por Adália Alberto, o novo monumento conjuga o imaginário BD dos heróis do surf com a lenda de D. Fias Roupinho e os veados do Sítio.

O Canhão da Nazaré, convém acrescentar, produz ondas fantásticas mesmo quando as caravanas dos desportos aquáticos demandam outras paragens. Por outro lado, apesar de toda a mediatização, a Praia do Norte continua a ser uma praia selvagem, na verdade, uma das mais esplêndidas de Portugal inteiro, cercada por pinhais, incluindo o Cerrado dos Veados (com uma dezena deles a viver em semi-liberdade) E se for para admirar o mar selvagem e ondas sublimes também vale a pena explorar o nada turístico litoral a sul do porto de Nazaré, seguindo pelos carreiros da Serra da Pescaria até à imensa Praia do Salgado.

guia



As cerimónias solenes de Nossa Senhora da Nazaré, incluindo procissão e missa, acontecem a 8 de Setembro. Este ano, pela primeira vez, a vertente lúdica dos festejos é exclusivamente organizada pela edilidade. Cabe destacar as actuações de Olavo Bilac (7), Blaya(13) e Cuca Roseta (15)



O fenómeno das ondas gigantes veio naturalmente multiplicar e diversificar a oferta hoteleira da Nazaré. Uma novidade feita por medida para a nova classe de turista é a Zulla Nazaré, uma *surf village* desenhada em torno de um pátio com piscina, nas alturas do Sítio (Rua Padre Acrísio), a dois passos da Praia do Norte. Oferece pernoitas em quartos duplos, ou em beliches (desde 20€), conjugáveis com aulas de surf.

Um dos hotéis mais recentes e certamente o mais inovador na baixa da Nazaré é o Magic (Rua Mouzinho de Albuquerque, 58), que ficou em segundo na votação de 2018 na categoria 3 estrelas do site Trivago (<http://hotelmagic.pt>). Dispõe de 17 quartos temáticos, cada um com uma decoração diferente, cabendo destacar os espaços que combinam design contemporâneo com imagens tradicionais da Nazaré. Já os apartamentos Batata são oito, todos também com a sua própria decoração, na verdade, não andam muito longe do conceito de *boutique hotel*, mesmo se ostentam uma classificação mais modesta de alojamento local. Outra grande mais valia do Batata são as vistas em “balcão” na frente do mar (Av. Manuel Remígio, 84). De resto, o que há mais na Nazaré são apartamentos para alugar. Uma excelente opção qualidade/preço é o “catálogo” do Holidays Nazaré (<http://www.holidaysnazare.pt/>) com acomodações desde os 45€ diários e os 75€ com vista de mar.



Se a Nazaré é célebre pelos peixes e pelos restaurantes que os servem, nenhum é provavelmente tão famoso quanto a Casa Pires, no largo da Nossa Senhora da Nazaré, 44, ali

mesmo a dois passos do Santuário. A qualidade dos seus peixes grelhados é lendária, as sardinhas em particular são excelentes, mas a decoração é espartana e nem sequer tem identificação à porta. Também no ramo do tradicional e do valor seguro, mas uns pontos acima em termos de requinte, recomenda-se o Maria do Mar, na Rua do Guilhim, 13.

Uma excelente alternativa para orçamentos mais curtos é a Tasquinha na Rua Adrião Batalha, 54, o tipo de restaurante tão popular que é frequente ao meio dia ter “completo” escrito num pedaço de toalha de papel, afixado no vidro da porta. A Taverna Do 8 ó 80 (Edifício Atlântico da Marginal), por outro lado, tornou-se conhecida por ser frequentada por Gareth McNamara e demais estrelas do surf internacional, justificando o destaque pela ementa criativa, a combinar com uma longa lista de vinhos e de Gins. No capítulo dos doces e sobremesas uma aposta segura é a Pastelaria Arcádia, na Rua Mouzinho de Albuquerque, 19, onde os jesuítas rivalizam com os mil-folhas, os pastéis de Tentúgal e uma dúzia de delícias à fatia.



O Sítio e a Marginal estão forrados a lojas de artesanato e artigos regionais, que vendem bonecos e toda a espécie de bugigangas inspiradas no folclore da Nazaré (e, na verdade, do país inteiro). As melhores peças, no entanto, têm de ser encomendadas, como os bonecos de porcelana vestidos com trajes regionais por Olívia Chicharro (artesanato. olivia@hotmail.com e telefone 965752379).

O fenómeno das ondas gigantes, por outro lado, tem favorecido o investimento em negócios alternativos, como a marca de vestuário Praia do Norte (store. praiadonorte.com.pt, única loja física no edifício do Centro Cultural, Marginal). São peças de *sportswear* depurado mas com motivos e inspiração local, como as t-shirts com versões estilizadas dos símbolos da igreja de São Gião.

Malta.

Mais do que lhe poderíamos contar.



Malta
Gozo & Comino

Voos diretos para Malta

A partir de Lisboa

airmalta.com



A partir do Porto

ryanair.com



VisitMalta.com